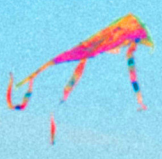


+JOVEM

Thursday 24 February, 23:36



Five days ago, three bombs were dropped on my town at night, they damaged the power plant, the gas station, so the power was cut out in the hole city. The next day, they began to drop bombs again, threw them at the factory and at another gas station, corses lay on the street, leaving quarters nearby where in poor condition. Five days there was no light, only 15 minutes ago the light was turned on

The family does not plan to leave, they have nowhere to go, men are taken away at the border, my mother refuses to leave her house, but I will not leave them

Writing...



EQUIPA DE REDACÇÃO

2º EDIÇÃO MARÇO 2022

EQUIPA DE DIRECÇÃO

Rita Almeida / Javier Elorz

EQUIPA DE REDACÇÃO

Catarina Ferreira, Henrique Pereira, Joana Veiga, Andreea Afloarei, Joyce Rodrigues, Ricardo Leitão, Vasco Oliveira, Darko Miguel e Soukaïna Aroussi



ANDREEA
AFLOAREI



HENRIQUE
PEREIRA



VASCO
OLIVEIRA



RICARDO
LEITÃO



JOANA
VEIGA



DARKO
DIMITRIOSKI



CATARINA
FERREIRA



JOYCE
RODRIGUES



SOUKAÏNA
AROUSI



UCRÂNIA

GUERRA OU
PAZ?

PG6

A HISTÓRIA DE BÁRBARA VIRGÍNIA PG
MULHERES E CINEMA 8

MEDEIA DE EURÍPIDES

A PRIMEIRA OBRA
FEMINISTA DA
HISTÓRIA

12

RETRATO PG
DO MÊS 16

ANA RÓ

**PG
20** A LINGUAGEM
IMPORTA

**DESCOBRINDO
SÃO MIGUEL
PG
22**

**O QUE ESPERAM
DE**



**NÓS
PG
28**

SARAJEVO PG.32

ONDE O OCIDENTE E O ORIENTE SE ENCONTRAM

**A RECONQUISTA AFRICANA
PELO DAESH PG44**

**ELIFOOT
O CLÁSSICO PORTUGUÊS
PG52**

**E QUE TAL UMA
AVENTURA POR
LISBOA?
PG
48**

OS ÚLTIMOS DIAS TÊM SIDO DE GRANDE TENSÃO EM TODO O MUNDO, SOBRETUDO NA EUROPA, DEVIDO À INVASÃO ILEGÍTIMA RUSSA NO ESTADO SOBERANO E DEMOCRÁTICO DA UCRÂNIA.

Podemos dizer que tudo começou com o “simples” argumento russo, por parte de Vladimir Putin, de querer livrar a Ucrânia do nazismo. Acaba por parecer irónico a Federação Russa, cujo presidente é um espécime autocrático e tirano, falar em nazismo num país que sofreu e ficou devastado com a Segunda Guerra Mundial.

Para compreender melhor aquilo que se está a passar no Báltico, cumpre desde mais perceber que este conflito começou, mais propriamente, em 2014, com a anexação da Crimeia (ex-território ucraniano) pela Rússia. Além da Crimeia, há duas regiões chave, as chamadas regiões separatistas, que são Donetsk e Lugansk, que recentemente foram reconhecidas por Putin como independentes, regiões estas que estiveram sob fogo em 2014. Putin, com este reconhecimento, e ao avançar com as tropas a partir daí para dentro da Ucrânia (nomeadamente da Crimeia) facilmente conseguia o que queria: unir o Donbass e a Crimeia, de maneira a ter um corredor terrestre que ligasse a Rússia a essa região e ao Porto de Odessa, para conquistar o controlo quase único sobre o Mar Negro. O que o Presidente russo desconhecia era a resiliência e patriotismo imensuráveis do povo ucraniano, que lhe tem dificultado a estratégia bélica, levando-o a perder mais homens em combate durante duas semanas de guerra em 2022, do que perdeu num mês, aproximadamente, durante a guerra da Crimeia.

É evidente que Putin não esclareceu ainda que a sua intenção é a expansão do seu Império Russo, acabando com qualquer

existência ucraniana, de modo a conseguir roubar a riqueza, aumentando a sua exploração petrolífera e gasodutos. Devido ao espoletar desta guerra, que veio sem aviso prévio, milhares de ucranianos tiveram de fugir, como puderam, para os países vizinhos (Moldávia, Polónia, República Checa, Hungria e Roménia), deixando para trás a sua vida, as suas memórias, assim como pais, maridos, filhos que, devido à lei marcial, têm de

ficar em solo ucraniano para combater o inimigo russo.

De acordo com a inteligência britânica, Chernihiv, Sumy, Konotop, Kharkiv e Mariupol estão sob controle russo, sendo o mais preocupante a tomada da central nuclear de Zaporizhzhya. Relativamente ao poder nuclear, Vladimir Putin já ameaçou um possível ataque à Europa, mas devido aos avanços que foram feitos desde a II GM haverá repercussões a nível mundial, através da sua aliança com Lukashenko, que lhe deu apoio e permissão para fazer testes e lançar armas nucleares a partir de território bielorruso, tendo dito ainda que "Se necessário, se tais medidas estúpidas e insensatas forem tomadas pelos nossos rivais e oponentes, utilizaremos não só armas nucleares, mas também armas super-nucleares e outras que se avizinham para proteger o nosso território".

A soberba de Putin, que em muito se assemelha a Pedro, o Grande, acabou por fazer ricochete, tornando a Rússia o país mais sancionado na história da Humanidade, devido a todos os atos bárbaros que está a levar a cabo. A solidariedade da União Europeia e países da NATO para com a Ucrânia demonstrou-se através de sanções impostas à Rússia, nomeadamente a Putin e oligarcas, o fecho do espaço aéreo, a retirada de diversas marcas do mercado russo e,

mais importante e sancionatório, a proibição do sistema SWIFT, que levou à maior queda alguma vez vista do preço do rublo.

Independentemente de sermos anti ou pró Rússia, é preciso ter o discernimento de que milhares de vidas estão em risco, não querendo nenhuma das partes admitir o número real de mortes de militares e civis. Após todas as guerras que muitos já viveram e sobreviveram, ninguém pensaria que em 2022 isto se tornaria a passar, criando uma grave crise migratória, denunciando a falta de infraestruturas e apoio médico àqueles que continuam em solo ucraniano. É mais do que evidente que a guerra não é, nem nunca foi, solução. Não obstante as tentativas que têm sido feitas de conciliação dos dois povos, é mais do que evidente que nunca irá levar a lado nenhum, sendo apenas uma estratégia para Putin demonstrar que ele não queria guerra e que está disposto a negociar com Zelensky, mas nunca cedendo nas suas exigências, megalómanas e irreais para o século em que nos encontramos. Ora, terá de ser através de diálogo que se poderá ultrapassar isto, uma vez que já estamos há mais de duas semanas com uma guerra na Europa, tendo a NATO, as Nações Unidas, a União Europeia, bem como outros países, tentado apelar ao lado russo para um cessar-fogo e diálogos de paz.

GUERRA OU PAZ?

Como ajudar o povo ucraniano?

»CMLisboa em parceria com a Embaixada da Ucrânia em Portugal

»AMNISTIA INTERNACIONAL

»BANCO NACIONAL DA UCRÂNIA DE APOIO ÀS FORÇAS ARMADAS DA UCRÂNIA

»VOICES OF CHILDREN

»UNICEF

»UNITED HELP UKRAINE

MULHERES E CINEMA

A HISTÓRIA DE BÁRBARA VIRGÍNIA

POR JOYCE RODRIGUES

BÁRBARA VIRGÍNIA FOI A PRIMEIRA MULHER A REALIZAR UM FILME EM PORTUGAL. FOI TAMBÉM A PRIMEIRA MULHER A APRESENTAR UM FILME NA COMPETIÇÃO DE CINEMA DE CANNES, AQUANDO DA SUA PRIMEIRA EDIÇÃO, EM 1946. MAS PORQUE NÃO OUVIMOS FALAR DE BÁRBARA VIRGÍNIA QUANDO FALAMOS DE CINEMA?



Nascida em 1923, Maria do Carmo Miranda Cunha era o nome pelo qual era conhecida até adotar o seu nome artístico. Bárbara Virgínia cresceu no seio de uma família burguesa lisboeta, e estudou Música, Dança e Teatro no Conservatório de Lisboa. Foi atriz de teatro e de cinema, apresentadora de programas de rádio e escritora. Com 22 anos, estreou-se como realizadora no filme *Três Dias Sem Deus* (1946), no qual já desempenhava o papel de atriz principal, além de assistente de realização. Bárbara Virgínia teria sido convidada para assumir a realização do filme quando um contratempo impossibilitou a permanência em Portugal do realizador designado inicialmente, Raul Faria da Fonseca.

Três Dias sem Deus (1946) é a primeira longa-metragem de ficção realizada por uma mulher em Portugal. Estreou a 30 de agosto de 1946 no Cinema Ginásio, em Lisboa. O filme conta a história de uma jovem professora primária que é colocada numa aldeia isolada do interior de Portugal e que se vê envolvida num conjunto de dramas e mal-entendidos com os habitantes da aldeia.



Bárbara Virgínia e os seus filmes, produzidos durante a década de 40, em plena ditadura salazarista, vêm desafiar os ideais e as práticas conservadoras e tradicionalistas que caracterizavam o contexto social, cultural e político de então, fortemente marcado pela censura, desigualdade e opressão. Às mulheres era vedado o acesso a certas profissões e a direitos elementares, sendo remetidas a um papel de subalternidade. O cinema não era exceção.

Do filme original restam hoje apenas 26 minutos de película, sem som, numa cópia digital restaurada pelo Arquivo Nacional da Imagem em Movimento e da Cinemateca Portuguesa.

Apesar da boa receção por parte do público, o filme viu-se envolto numa série de críticas, tanto a nível nacional como internacional, o que levou Bárbara Virgínia a lamentar a indicação do seu filme ao festival de Cannes. No mesmo ano, realiza ainda *Aldeia dos Rapazes* (1946), uma curta-metragem documental sobre a vida das crianças do Orfanato de Santa Isabel, em Sintra.



Em 1952, Bárbara Virgínia deixa Portugal e muda-se para o Brasil, onde vai continuar a sua carreira de atriz, escritora e radialista. Não voltará a realizar mais filmes. O segundo filme a ser realizado por uma mulher em Portugal acontece só depois do 25 de Abril, em 1976, ano em que é produzido *Trás-os-Montes* (1976), co-realizado por Margarida Cordeiro e António Reis.

Bárbara Virgínia morre em março de 2015, com 92 anos, durante a produção do filme documental biográfico “Quem é Bárbara Virgínia?” (2015), da autoria de Luísa Sequeira. No mesmo ano, a Academia Portuguesa de Cinema institui o Prémio Bárbara Virgínia, de modo a homenagear o cinema feito por mulheres em Portugal, reconhecendo assim a importância da realizadora enquanto pioneira do cinema português e do cinema a nível mundial.



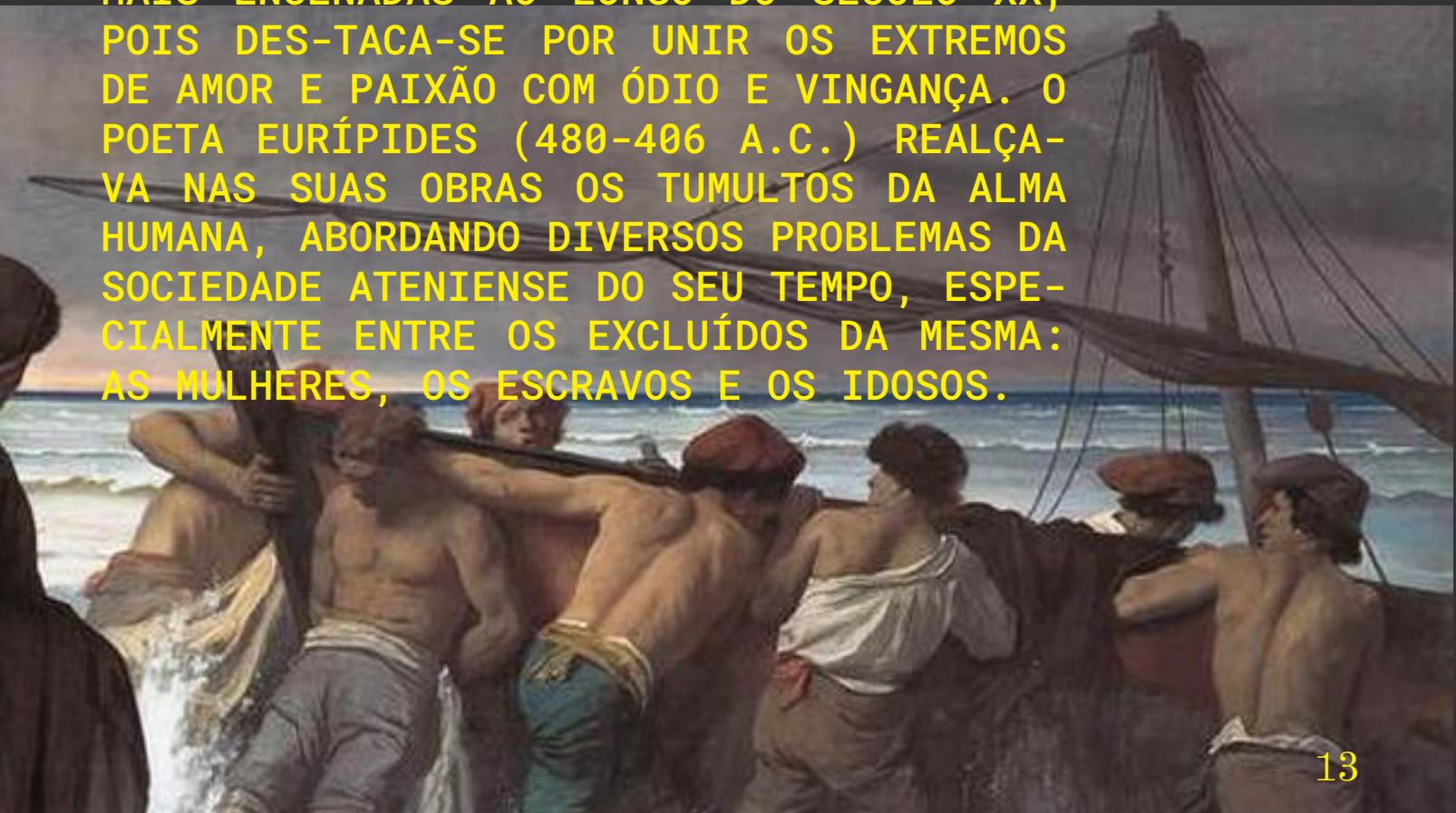
MEDEIA DE EURÍPIDES

POR MARIA ALICE RICARTE



A PRIMEIRA OBRA FEMINISTA DA HISTÓRIA

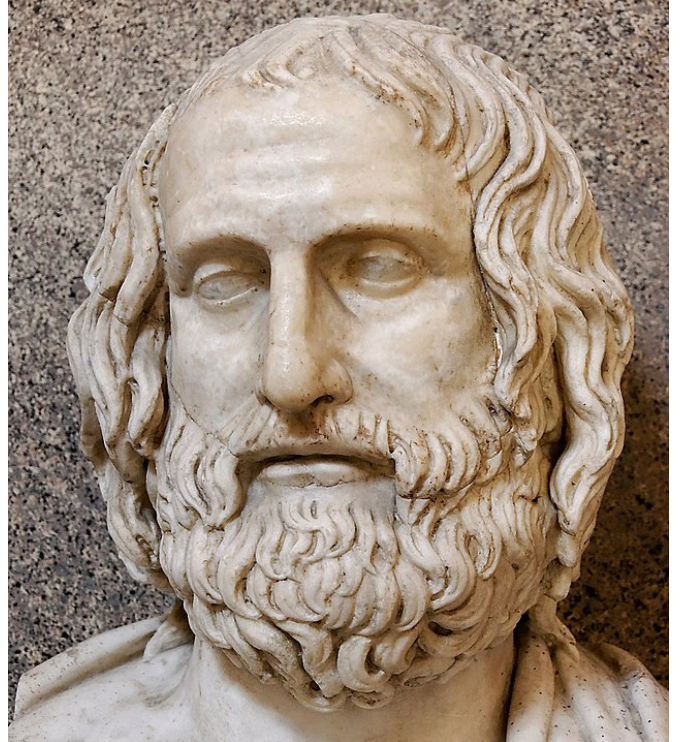
MEDEIA É UMA DAS MAIS ILUSTRES OBRAS DE EURÍPIDES, DATADA DE 431 A.C. . A PEÇA FAZ PARTE DO GRANDE PORTEFÓLIO TEATRAL DE TRAGÉDIAS GREGAS, PRINCIPALMENTE POR EXPLORAR, PELA PRIMEIRA VEZ, O CONCEITO DE FEMINISMO. ESTA IDEOLOGIA SURGE ATRAVÉS DO PODER DA RESILIÊNCIA DA DECISÃO DA MULHER NUM MUNDO DOMINADO POR HOMENS. A PEÇA MANTEVE-SE COMO UMA DAS MAIS ENCENADAS AO LONGO DO SÉCULO XX, POIS DES-TACA-SE POR UNIR OS EXTREMOS DE AMOR E PAIXÃO COM ÓDIO E VINGANÇA. O POETA EURÍPIDES (480-406 A.C.) REALÇAVA NAS SUAS OBRAS OS TUMULTOS DA ALMA HUMANA, ABORDANDO DIVERSOS PROBLEMAS DA SOCIEDADE ATENIENSE DO SEU TEMPO, ESPECIALMENTE ENTRE OS EXCLUÍDOS DA MESMA: AS MULHERES, OS ESCRAVOS E OS IDOSOS.



QUAL É A HISTÓRIA DE MEDEIA E COMO É QUE ABRIU CAMINHO PARA O FEMINISMO?

A peça começa com Jasão a receber a missão de capturar uma pele de ouro de carneiro. Com um grupo de homens chamados Argonautas, Jasão acaba por conhecer a princesa Medeia que, para além de se apaixonar por ele, vai ajudá-lo a cumprir a sua missão, matando o próprio irmão para poder escapar. Este ato de traição familiar força o casal ao exílio. Mais tarde, têm dois filhos. Porém, Jasão trai Medeia com a sua nova noiva, a filha do rei Creonte, deixando a sua amante a sentir-se abandonada e furiosa. O coro, um grupo de mulheres que representam a voz da sociedade grega, tenta acalmá-la, porém, sem sucesso. Mais tarde, o rei chega a ordenar o exílio para a mãe e para as crianças, pois teme que a mesma prejudique o casamento da filha. Medeia implora para ficar mais um dia e o rei atende o seu desejo. Contudo, a nossa protagonista tem outros planos...

Entretanto, Jasão vem ao encontro da antiga amante, afirmando que o seu exílio é merecido, enquanto pede a custódia dos filhos para serem futuros herdeiros ao trono. Medeia, ultrajada, recusa a ideia e, furiosa, exalta o valor de todos os feitos que realizou em prol de Jasão enquanto estava apaixonada. O rei de Atenas, cidade vizinha, aparece para pedir um conselho a Medeia, e esta conta-lhe o seu plano e pede-lhe refúgio na sua cidade.



Fingindo que concordara com a ideia de Jasão, o seu plano era o seguinte: enviaria pelas crianças um presente envenenado para a sua nova madrasta, que a mataria e ao rei também. Desta forma, faria com que Jasão perdesse tanto a sua amante como as suas aspirações políticas. Porém, ainda não era tudo. Mesmo após saber do terrorífico plano desta mulher, o rei de Atenas concedeu-lhe proteção. Os Atenienses que estão a ver a peça, deparam-se com a seguinte questão: que tipo de cidadãos somos ao recebermos como refugiada política alguém que outrora agiu de forma tão aterradora?

O clímax da peça acontece quando Medeia se depara com a deliberação de matar os próprios filhos ou não. Acaba por contrabalançar o valor do seu amor de mãe com o da vingança contra Jasão, pois este tinha de perder tudo, e os filhos simbolizavam a esperança política da cidade e o seu amor familiar. É assim que, durante a noite, depois de os embalar, Medeia mata as crianças com um punhal. Jasão descobre e pede os corpos dos filhos para lhes fazer um funeral.

Medeia recusa e, num lance final, mata Jasão, enquanto voa numa carruagem dourada segurando os cadáveres dos filhos.

Esta exaltante peça começa por abordar questões feministas logo no início, quando Medeia se junta à guerra para salvar Jasão. Rompe com a ideia tradicional de que a mulher deve ficar em casa, não podendo participar em conflitos armados mesmo sendo isso sinónimo de alcançar os seus objetivos. Contrasta a finalidade que a sociedade da época dava às mulheres com as posições das mesmas relativamente às suas vidas. “Somos nós mulheres a mais mísera criatura, nós que temos de comprar à força de riqueza um marido e tomar déspota do nosso corpo(...) Dizem: nós vivemos em casa uma vida sem risco, e eles a combater com lanças. Insensatos! Como eu preferiria mil vezes estar na linha de batalha a ser uma só vez mãe!”

Chamamos de primitiva esta luta pela equidade, porque se sente um grande sofrimento causado pela subjugação do valor das mulheres na sociedade. Feminismo é um movimento político e social que procura alcançar a igualdade entre mulheres e homens. A causa feminista tenta vencer a histórica desigualdade de género, que ainda hoje se reflete em aspetos como violência contra as mulheres, diferenças salariais entre ambos, a forma como as crianças são educadas e até nos padrões de beleza impostos às mulheres.

Apesar da drástica infâmia que marca o final da peça, não considero a protagonista alguém sem moral que opta pelo sofrimento em detrimento do amor dos filhos.

A meu ver, Medeia não gostaria de ver os seus filhos crescerem e tornarem-se iguais a Jasão. Acredita que esse seria um destino inevitável para a época, e que as crianças se iriam corromper ao longo dos anos devido aos vícios e mentalidades sociais. Assimsendo, seria preferível eternizar a sua pureza.

O tempo foi passando, e agora, no século vinte e um, a luta pela igualdade de géneros tomou as maiores proporções alguma vez vistas. É importante erguermos-nos contra as injustiças com que nos deparamos diariamente, para que no futuro possamos sentir que as próximas gerações poderão viver com mais respeito e paz, pois só assim é que, aos poucos, vamos garantindo que a construção de um mundo melhor é eficaz, e que não precisa de ficar presa no papel.



RETRATO DO MÊS

ANA RÓ

ENTRE A POESIA E O SIMBOLISMO, ANA RÓ CONVIDA-NOS A DESCOBRIR O SEU UNIVERSO FEMININO, COLORIDO E SONHADOR. ESTA JOVEM ARTISTA DE 26 ANOS CRESCER COM PINCÉIS ENTRE OS DEDOS E A CABEÇA CHEIA DE SONHOS. HOJE EMBARCAMOS NUMA VIAGEM NUM UNIVERSO MÁGICO, O SEU UNIVERSO, PARA COMPREENDER O TRABALHO DELA COMO ARTISTA E ARTESÃO.



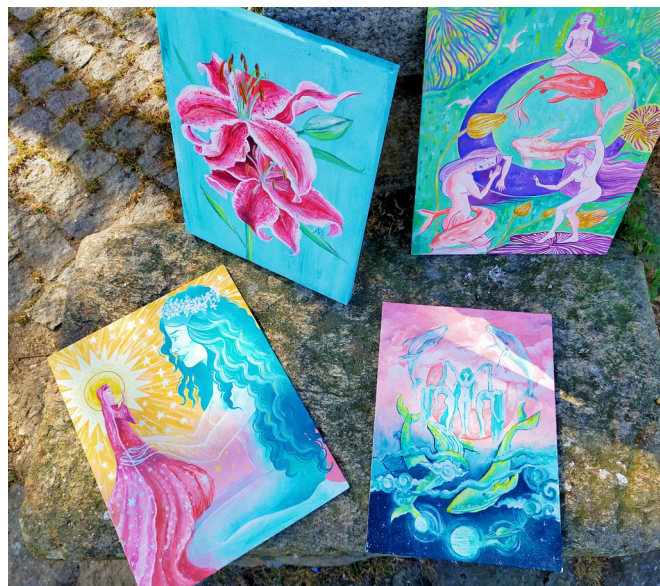
POR SOUKAÏNA AROUSSI

Ana Ró, nome real Ana Rodrigues, começou a pintar ainda muito jovem. Aos 14 anos, pediu à sua mãe para a inscrever nas aulas de pintura e descobriu rapidamente o seu amor pela arte. Por isso, começou a estudar arte, e na universidade escolheu estudar Design e Moda. Até aos 21 anos, pintou com o mesmo professor. Após os seus estudos, entrou no mercado de trabalho, na indústria da moda, mais especificamente, no design de calçado. Enquanto designer de moda, Ana desenhou coleções para diferentes marcas, trabalhou para Ricardo Preto, ensinou design de moda numa escola de moda... "Saltando de coisa a coisa" a artista cedo percebeu que o que gostava era de deixar a sua criatividade correr livremente. Querendo dedicar mais tempo à pintura e investir no seu trabalho artístico, ela deixou a indústria da moda para seguir o seu próprio caminho. Iniciou o seu próprio negócio e trabalha por conta própria há 6 meses. Hoje Ana pinta quadros, mas também desenha lenços e faz cadernos a partir das suas ilustrações.

Segundo Ana Ró, as qualidades exigidas para ser pintora são criatividade, curiosidade e padrões elevados. Explorar a sua criatividade é o trabalho diário da artista. A curiosidade é também uma qualidade essencial, diz Ana: "Tem de ser uma pessoa que quer sempre experimentar. Ela é muito exigente consigo mesma, confidenciou-nos: "Eu quero sempre mais e mais, porque não quero desistir do meu sonho de viver da minha arte". O maior desafio que enfrenta é o de dar a conhecer o seu trabalho. Para crescer, a pintora precisa de chegar a mais

peças e descobrir como alcançá-las. Para isso, vai regularmente a mercados como, por exemplo, o mercado realizado no pátio da Igreja de Santos-o-Velho, SantosCollective; para dar a conhecer o seu trabalho, vender as suas obras, mas também para criar uma ligação com os seus clientes. Mas é principalmente através do Instagram que ela promove e vende a sua arte.

O Instagram "é a plataforma mais forte e interessante para a divulgação", diz Ana. O que é interessante é que a artista rapidamente percebeu que tipo de clientela é mais provável que compre a sua obra. A pintora partilhou connosco: "é muito engraçado porque nos mercados, no início, vi muita gente a vender e eu não estava a vender, fiquei frustrada, até me aperceber que o meu tipo de pessoa é muito específico e fiquei muito feliz por conhecer essas mesmas pessoas. Fiquei muito feliz por os conhecer, porque a sua maneira de ver o mundo é muito semelhante à minha. Adoram a natureza, a parte feminina é uma inspiração, os animais também são importantes para eles."



"ENTRE A ARTE E O ARTESANATO, A JOVEM ARTISTA PORTUGUESA FLORESCE DIARIAMENTE NO SEU TRABALHO"

Ana acrescenta: "Agora gosto de esperar que estas pessoas cheguem, quero criar uma ligação com elas. Sei que são pessoas sensíveis à minha arte, que vão ficar e comprar as minhas criações". Ser independente permite à Ana organizar a sua agenda como ela desejar, é uma forma de adoptar uma rotina mais calma que satisfaz as suas necessidades. A partir das 10 ou 11 da manhã ela começa a pintar até às 13 horas e, depois, leva tempo para almoçar e continua à tarde ou às vezes à noite a seguir a sua inspiração. O que ela gosta no seu trabalho é a liberdade de se organizar, ela segue realmente os seus desejos e quando precisa de encontrar inspiração gosta de ir para a praia, por exemplo, para relaxar, contemplar a paisagem ou para pintar para si própria (aguarela). Ela trabalha independentemente, mas ocasionalmente Ana colabora com parceiros que recorrem ao seu trabalho como designer (ilustrações de livros, cachecóis, etc.).

Comprar uma obra de Ana é mergulhar num mundo poético e colorido. O que a pintora adora no seu trabalho são as cores. Assim, ela gosta de "pintar as coisas de uma forma mais colorida do que elas realmente são" para questionar a nossa percepção da cor. Ela diz "Não gosto de olhar para uma árvore e depois pintá-



la apenas de castanho, porque se pode imaginá-la em mil cores, a luz também é muito importante, o que eu vejo não é o que se verá.” Através das suas pinturas deseja transmitir tranquilidade, felicidade, reflexão e força. Pode perguntar-se como ela transmite estas emoções através das suas pinturas. Muito interessada na simbologia animal, Ana investiga o assunto. Assim, cada animal é cuidadosamente escolhido de acordo com o seu significado. Cada ilustração tem um texto no website com o significado da pintura no website. Ela explica “por exemplo, a serpente está muito associada a vestir de uma pele nova, como uma renovação de si mesmo, é muito mágico explorar estas características e partilhar os meus conhecimentos de simbologia com os clientes.”.



Se passarmos pelo trabalho da Ana podemos encontrar tigres, baleias, pássaros como o colibri, mas também estas três mulheres nuas, símbolo da feminilidade: as três Graças. Ela leva-nos a explorar a nossa imaginação, empurrando as portas do seu universo artístico. Ana Ró é uma artista empenhada que está consciente da importância de ter em conta a durabilidade das suas criações. A fim de evitar o desperdício de matérias-primas, a Ana optou por produzir de forma consciente e sustentável. “tudo é feito com muito cuidado, para que não se encontrem defeitos, no artesanato tudo é feito meticulosamente”. Tomando o exemplo de um caderno, um dos seus best-sellers, ela não só ilustra a capa, como também costura as folhas à capa, usando a sua máquina de costura de sapatos que aprendeu a usar com os seus estudos e experiências anteriores. A pintora espera poder continuar a viver da sua paixão.

Em 5 ou 10 anos, vê-se a continuar a construir o seu caminho como artista e artesã, continuando a pintar enquanto dedica mais tempo ao seu papel de professora de pintura.



by @innernature

A grande maioria das espécies que habitam o nosso planeta comunicam de alguma forma, mas nenhuma chega perto da linguagem utilizada pelos humanos.

A origem da linguagem humana ainda está por definir ao certo, mas a possibilidade mais comum e simples é que a linguagem tenha surgido da interação entre a aprendizagem individual, a transmissão cultural e a evolução biológica.

A linguagem é algo universal com inúmeros usos, mas neste texto irei focar-me mais no tipo de linguagem usada para caracterizar certas populações em situações de vulnerabilidade e a importância de usarmos uma linguagem inclusiva.

Porque quando dizemos drogado ou toxicodependente estamos a passar a mensagem de que a pessoa é a sua condição e não tudo por trás disso, por detrás do/a "toxicodependente" existe uma pessoa, com gostos, sonhos e valores como o resto do mundo. Por isso, optamos por não falar sempre no masculino ou feminino e dizer pessoa com comportamentos aditivos e dependências em vez de toxicodependente, pessoa portadora de deficiência em vez de deficiente, pessoa em situação de sem-abrigo em vez de sem-abrigo, idoso em vez de velho, trabalhadoras/es do sexo em vez de prostitutas/os, pessoas ex-presidiárias em vez de ex-recluso, pessoas com experiência em

"CONSIDERO QUE NESTE CONTEXTO ESPECÍFICO, A LINGUAGEM INCLUSIVA É USADA PARA DEMONSTRAR HUMANIDADE E EMPATIA"

A LINGUAGEM IMPORTANTE

POR
HENRIQUE
PEREIRA

doença mental em vez de malucos, pessoa gorda em vez de gordinho/cheinho, pessoas em situação de vulnerabilidade em vez de pobres, pessoa portadora de HIV em vez de idosos, entre outros exemplos. Assim, há uma diferença entre utilizar uma linguagem discriminatória -estamos a transmitir que a pessoa é a sua doença e que irá encontrar-se sempre na sua situação atual-e escolher utilizar uma linguagem inclusiva: estamos a criar a ideia de que a pessoa não é a sua incapacidade, mas sim uma pessoa como as outras, que se encontra numa situação de maior vulnerabilidade e que precisa de apoio comunitário para poder sair da sua situação atual e ter uma melhor qualidade de vida.

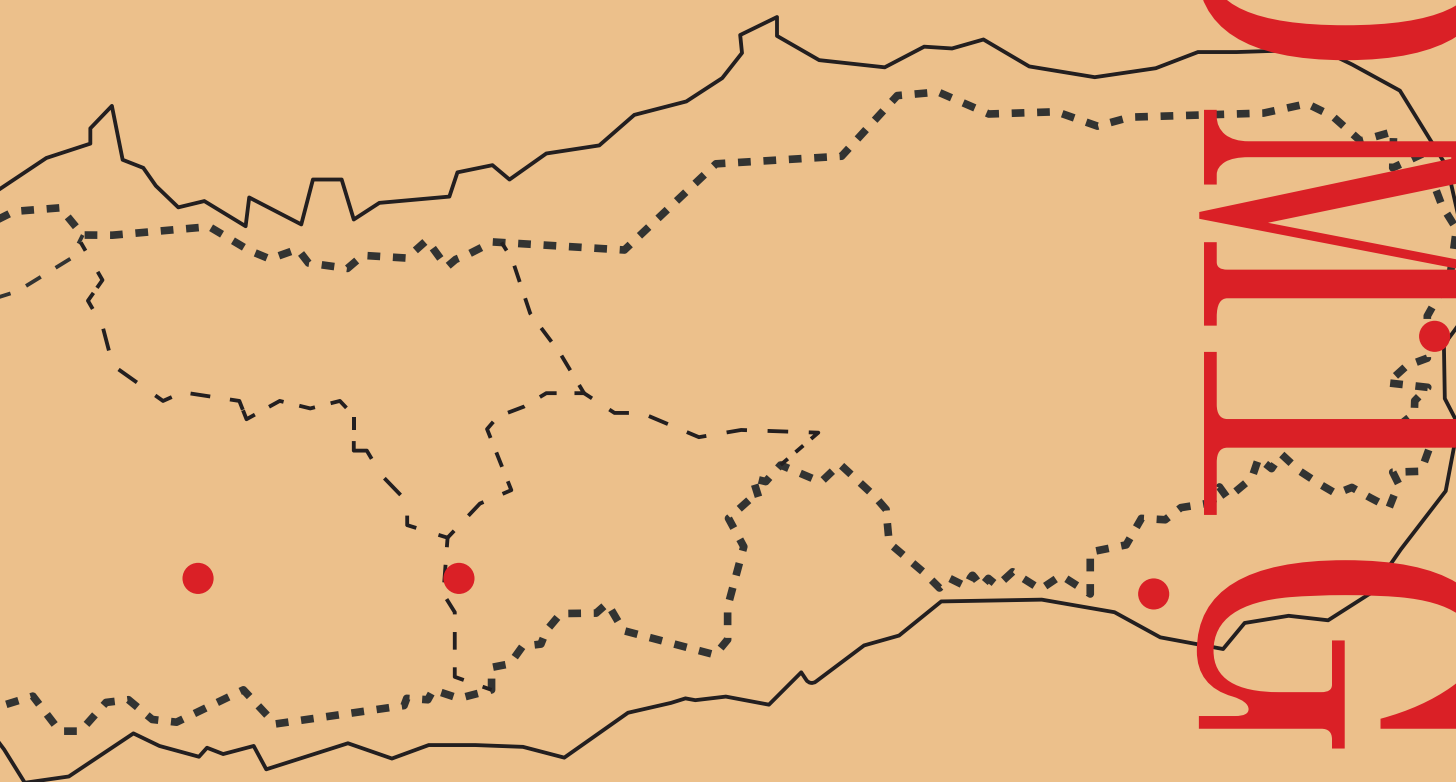
DESCOBRINDO



1. Lagoa do Fogo
2. Miradouro da Boca do Inferno
3. Miradouro da Ponta Sossego
4. Miradouro do pico dos Bodes

POR DARKO

SÃO MIIGUEL

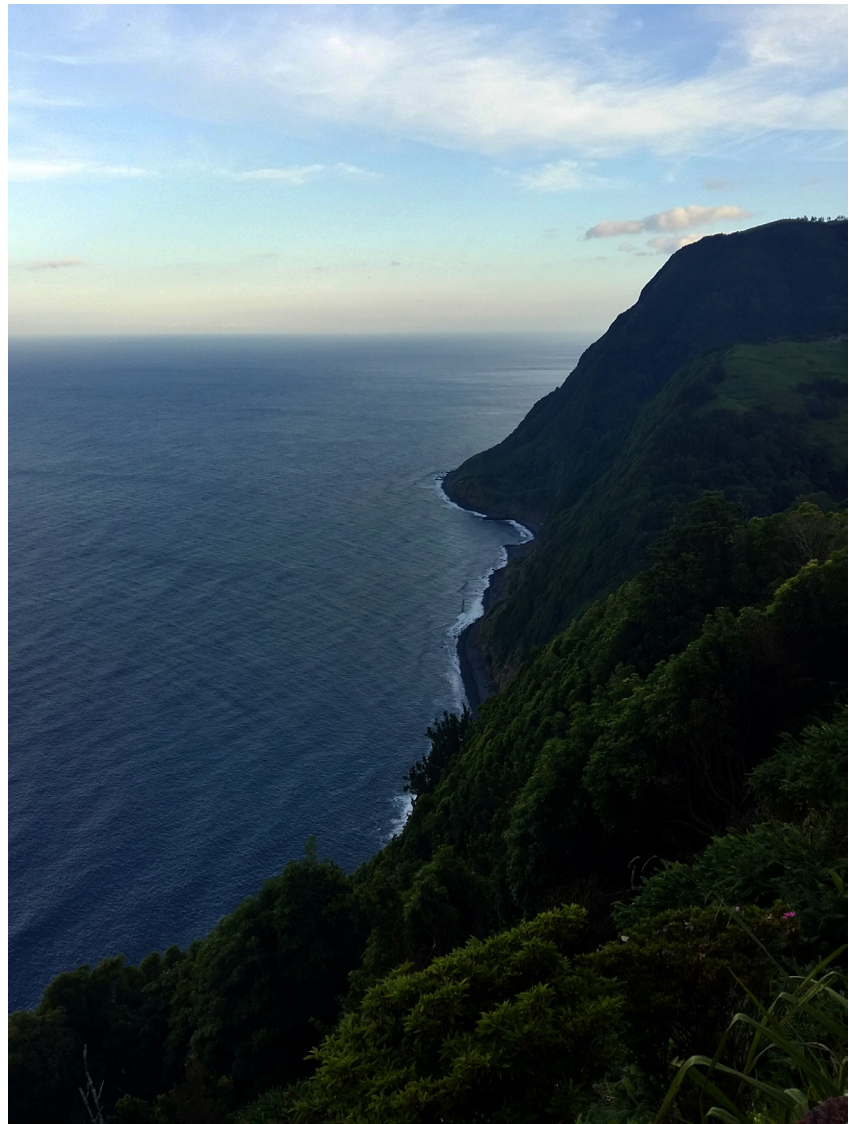


5. Piscinas Naturais Caneiros
6. Praia dos Mosteiros
7. Salto do Prego
8. Sete Cidades







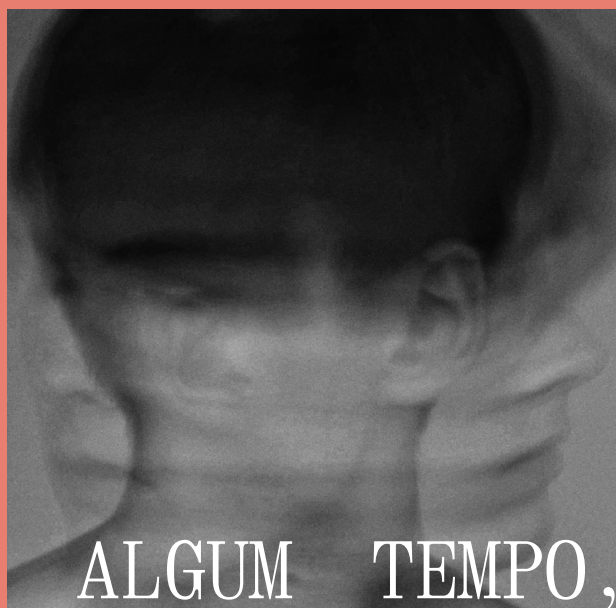


O QUE ESPERO DE MÓS?

QUANDO ACEITEI FAZER PARTE DESTE PROJETO, FIQUEI MUITO ENTUSIASMADA E COMECEI LOGO A CRIAR MIL E UMA EXPECTATIVAS SOBRE COMO PODERIA CONTRIBUIR "VOU ESCREVER SOBRE O CONFLITO X OU ENTREVISTAR AQUELA PESSOA" PENSEI EU, MAS A VERDADE É QUE LOGO NA SEGUNDA EDIÇÃO DA NOSSA REVISTA, E TALVEZ POR TER DEMASIADOS COMPROMISSOS, TIVE UM BLOQUEIO CRIATIVO (OUTROS TERMOS TALVEZ POSSAM SER EMPREGUES AQUI!). ESTE BLOQUEIO CRIATIVO TRADUZIU-SE NUMA ESPIRAL DE IDEIAS VAZIAS, EM PROCRASTINAÇÃO E TERMINOU EM DESESPERO. DESESPERO ESTE POR NÃO QUERER DE TODO FALHAR COM A RESTANTE EQUIPA E POR ACHAR QUE DEVERIA SER CAPAZ DE CUMPRIR OS MEUS COMPROMISSOS.

ERAM

POR
CATARINA
FERREIRA



ASSIM, DEPOIS DE ALGUM TEMPO,
PENSEI QUE SERIA INTERESSANTE
REFLETIR SOBRE A SITUAÇÃO EM SI.

Como tenho apenas 23 anos, certas coisas sobre as quais irei escrever poderão não fazer sentido para todos os leitores, mas estou certa de que compreenderão a ideia geral!

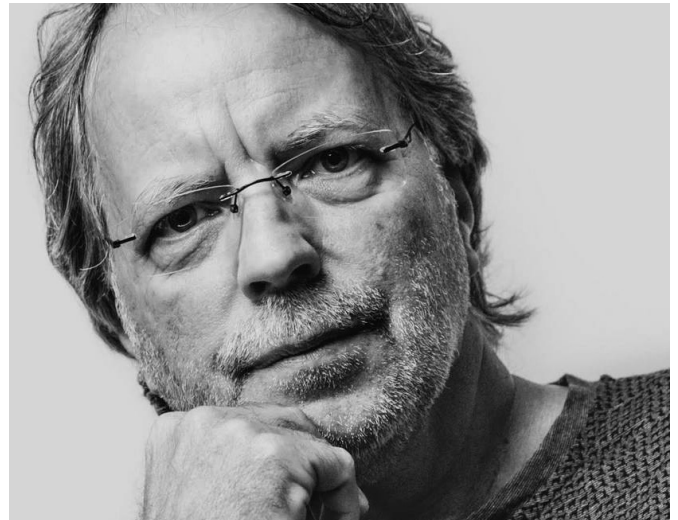
Não quero ser mal interpretada e não estou a queixar-me de todas as oportunidades que foram aparecendo ao longo da minha curta vida adulta, mas no meio de tanta azáfama, fico sempre sem saber se será normal sentir-me tão pressionada com tudo o que me rodeia. Será normal? Claro que do alto do meu pedestal (imaginário!) acho que sou sempre a única a passar por isto de trabalhar, estudar e ainda ter de arranjar tempo para sair ou ir jantar fora, mas vou-me apercebendo, assim que saio da minha bolha de ansiedade, e a forma como estas moldam a nossa vida, tanto de uma forma mais explícita, como é o caso deste texto que agora leem, quanto também de uma forma implícita, através de certos pensamentos e dúvidas que vão surgindo de vez em quando “será que sou capaz disto?” ou “nem vale a pena tentar, já sei que o X é melhor que eu”.

A verdade é que da forma que a nossa sociedade foi e está a ser moldada, é esperado dos jovens mundos e fundos. Aos 18, devemos estar com um pé na faculdade e prontos para tirar a carta (afinal como é que se vive sem um carro? falo por experiência própria); na faculdade, devemos ser alunos exemplares (chumbar a um cadeirão? Que vergonha!!), participar nos eventos de empreendedorismo para o CV, enquanto trabalhamos para pagar as propinas, e devemos falar, pelo menos, 3 línguas, se queremos ter um estágio em condições (talvez este último exemplo seja um pouco exagerado, mas...).

" ATRAVÉS DE CONVERSAS COM OS MEUS AMIGOS, QUE TODOS ACABAMOS POR SOFRER UM POUCO COM AS EXPECTATIVAS DEMASIADO ELEVADAS SOBRE NÓS"

É estimulada uma competição feroz, que deixa para trás não os mais fracos, mas os que por uma razão ou por outra não tiveram o aproveitamento académico expectável.

Mia Couto, ao receber o título "Honoris Causa" pela Universidade Politécnica de Maputo (Moçambique), refletiu brevemente sobre o que é esperado de todos nós:



"Preocupa-nos que os nossos estudantes entrem para universidade com fraco desempenho académico. Pois eu acho mais preocupante ainda que os nossos jovens cresçam sem referências morais. Estamos empenhados em assuntos como o empreendedorismo como se todos os nossos filhos estivessem destinados a serem empresários. Ocupamos em cursos de liderança como se a próxima geração fosse toda destinada a criar políticos e líderes. Não vejo muito interesse em preparar os nossos filhos em serem simplesmente boas pessoas, bons cidadãos do seu país, bons cidadãos do mundo."

Não quero com isto dizer que nós, jovens adultos, não tenhamos de ter responsabilidades, seria insensato pensar dessa maneira e escrever sobre isso. Todos temos responsabilidade e sendo sincera, eu gosto de as ter! Gosto do meu trabalho, ainda que tenha de acordar todos os dias às 06h30, e do tema da minha tese de mestrado, embora já tenha pesadelos com a defesa antes sequer de a escrever; gosto muito de fazer parte deste projeto e de ter tempo para aproveitar os dias de sol com a minha família e amigos, mas, por vezes, quando tudo se acumula, penso se não seria mais fácil fazer apenas uma coisa de cada vez?

A juntar a esta pressão, autoinfligida em muitas situações, cada um de nós representa algo na sociedade onde estamos integrados e a verdade é que 90% das vezes não correspondemos àquilo que esperam de nós.

O meu objetivo com este pequeno texto não é de todo arranjar solução para este problema, servirá mais como uma entrada de um diário, que não tenho, para tentar perceber o porquê de ter falhado na minha tarefa de arranjar um tema para escrever...

ONDE O OCIDENTE E
O ORIENTE SE
ENCONTRAM

A nighttime photograph of a city, likely Sarabá, showing a dense urban landscape with numerous lights from buildings and streets. The city is set against a dark sky with some clouds. The foreground is dominated by a large, white, bold, sans-serif font spelling out 'SARABÁ' against a dark orange background.

SARABÁ

BÓSNIA E HERZEGOVINA. TERRA DE NOMES COMPLEXOS. SE O NOME DO PAÍS JÁ É DESAFIANTE, O NOME DA SUA CAPITAL NÃO LHE FICA ATRÁS. SARAJEVO: PARA OS MAIS VELHOS, CIDADE DE GUERRA. PARA OS AINDA MAIS VELHOS, UMA MIRAGEM DA BELA E EXTINTA JUGOSLÁVIA. PARA TODOS, UM TERRITÓRIO ESQUECIDO. UM PAÍS CALEJADO PELA HISTÓRIA, UMA SOCIEDADE DIVIDIDA E UMA CAPITAL AINDA A RENASCER. RELATO-TE NESTE ARTIGO A VIAGEM MAIS MARCANTE DA MINHA VIDA. SÊ BEM-VINDO AO MAIOR MUSEU A CÉU ABERTO DO MUNDO.

POR
RICARDO
LEITÃO

SARAJEVO

O dia começou bem cedo em Belgrado, Sérvia. O despertador não tocou e por isso chegámos em cima da hora ao terminal dos autocarros. Na verdade, só conseguimos lá chegar com a ajuda de três simpáticos homens que nos levaram até à bilheteira e cuja hospitalidade nos custou o valor de umas cervejas.

Com o bilhete comprado, faltava agora encontrar o respetivo autocarro. Já sentados e devidamente acomodados, despedimo-nos da capital sérvia com as palavras do condutor como pano de fundo. Com a voz deformada pelas antigas colunas do autocarro, o percurso das horas seguintes foi anunciado sem que entendêssemos uma palavra. A vibrante energia de Belgrado ficou a metros e, mais tarde, quilómetros. No entanto, a história deste país também se viria a manifestar no nosso destino. Já na fronteira, os passaportes são recolhidos para que seja feito o adeus oficial. Daí seguem-se longos metros de terra de ninguém até encontrarmos o humilde e pequeno pórtico de entrada na Bósnia e Herzegovina. O azul manteve-se, o vermelho desapareceu e o branco transformou-se em amarelo criando assim as cores da bandeira imposta e pouco consensual dos bósnios. O controlo foi apertado, mas a coisa lá se deu... estávamos oficialmente em território da - vulgo - Bósnia!



A minha companhia conseguiu adormecer, no entanto, a ansiedade de chegar não me deixou fazer o mesmo. O rio, teimoso, não me largou toda a viagem e eu, no fundo, agradeci. Aquele azul indescritível contrastava com o verde das paisagens, criando um cenário que só terminou ao chegar a Sarajevo. Pelo meio, íamos abrandando para deixar passar ovelhas ou fazer as curvas mais sinuosas. Fizemos ainda algumas paragens para deixar passageiros em locais onde o século XXI parecia ainda não ter chegado. As pessoas entravam e olhavam-nos como curiosidade. Mais tarde, lá percebi o que lhes ia na cabeça.

AINDA ERA DE
MANHÃ QUANDO
A PALAVRA
SARAJEVO SE
DESTACOU NOS
ANÚNCIOS DO
CONDUTOR.

A chegada estava quase aí. No meio do verde, surgiram as primeiras construções de betão, a estrada tornou-se bastante mais larga e, ao desfazer uma apertada curva, a cidade completa surgiu-nos inesperadamente perante os olhos. O que para os locais é uma visão comum, para os poucos estrangeiros presentes foi algo inesquecível e capaz de arrancar um suspiro de espanto em unísono. Marcando todo o vale, bonitos minaretes; no centro da cidade, altas e modernas torres contrastavam com as antigas construções da baixa; mais perto, apresentava-se a icónica fachada neo-mourisca da Biblioteca Nacional de Sarajevo. O sol estava alto e conseguíamos ver o rio a fintar calmamente a geografia da cidade, passando por pontes e túneis até se perder de vista. Parecia irreal. Num relance, vemos o começo e o fim de uma capital europeia como se nascesse das montanhas e fosse correndo pelo vale fora até desaparecer por entre prédios e árvores. Mas Sarajevo rapidamente nos troca as voltas... O que para muitos é o miradouro com a mais bela vista da cidade, em tempos, foi quartel general. Foi posto de comando. Foi local de artilharia pesada responsável por espalhar o medo, o sangue, a morte e a destruição. Entre 1992 e 1996, tropas sérvias rodearam Sarajevo durante o maior cerco da história moderna. Cortes elétricos, bloqueios à comida e bens essenciais, tiroteios e bombardeamentos diários ceifaram a vida a mais de 11 mil pessoas.

O autocarro não parou e, para nos lembrar este número, vemos o primeiro cemitério de guerra. As verdes encostas deram lugar a dezenas, centenas e, em alguns casos, milhares de lápides brancas que agora também compõe a paisagem.



Mas a viagem prosseguiu e a estrada que nos lembrou este pedaço da história tomou outro caminho. Talvez em direção a tempos e memórias mais felizes. Em 1984, Sarajevo transformou-se o centro do Mundo. A pérola jugoslava revelava-se com a chegada das Olimpíadas de Inverno. Milhares de turistas, atletas, jornalistas e figuras políticas deslocaram-se à cidade para um evento que ainda hoje é recordado. Engalanada, segura e moderna, Sarajevo tornou-se cidade-postal. Dos anos 80 restam pouco mais que as memórias. As pistas de bobsleigh onde se bateram recordes mundiais tornaram-se locais de massacre e hoje estão vandalizadas. Nos pódios já não se medalham atletas e por toda a parte há ciclistas e turistas que tentam repor a vida e a dignidade do espaço. Caçadores de memórias como nós.

Estávamos já com os pés em Sarejevo, mas bem longe da baixa. Era dia de jogo e os transportes estavam condicionados e, por isso, corremos para o autocarro que nos foi indicado. Esperámos... Esperámos e quase desesperámos. Como que surgido do nada, um elegante senhor de fato e camisa engomada, delicadamente penteado, explica-nos que não vai

"O NÍVEL DE INGLÊS ERA IDEAL E POR ISSO CONSEGUIMOS ENTENDER A DIMENSÃO DA SUA PAIXÃO PELO VINHO DO PORTO E PELO FADO. UM CHEIRINHO A PORTUGAL PARA NOS CONSOLAR."

OBRIGADO SARAJEVO!

passar mais nenhum autocarro e rapidamente nos leva até uma paragem de elétrico onde espera arranjar-nos solução.

Pouco mais tarde, a esta nova paragem chegaram dois rapazes e uma rapariga dos quais não consigo precisar a idade. Primeiro, uma troca de olhares. Depois, um sorriso. Estando "perdidos", achei por bem pedir ajuda e reforçar as instruções que nos haviam sido dadas. Lembram-se de vos ter dito que não compreendia o



que ia na cabeça dos locais quando nos observavam? Tudo se resolveu aqui. Os olhares de estranheza de outrora deram lugar aos sorrisos, às questões e até aos abraços. De um momento para o outro, falávamos como amigos de longa data. A cumplicidade cresceu e deu coragem à tal questão: "Porquê Sarajevo? Vocês podem viajar pela Europa toda, porque escolheram vir para aqui?". Ainda hoje estranho a total descrença na sua própria terra, mas surpreendidos acabámos por responder. Só não explorámos



mais essa temática porque o elétrico chegou e o grupo rapidamente embarcou connosco. Como se de uma visita guiada se tratasse, assumiram a posição de cicerones da cidade que agora partilhavam connosco. Ora uma história, ora uma revelação, ora uma dica. Para lhes encurtar o desvio, decidimos sair logo ali e caminhar até ao hostel. No bloco de notas do meu telemóvel escreveram os seus nomes e contas de Instagram para mais tarde lhes contarmos o que sentimos em Sarajevo e até marcar um jantar no dia seguinte. Infelizmente, esse bloco de notas não foi devidamente

guardado por eles e acabou perdido para sempre. Fiquei triste e por isso conto este pequeno episódio quase como catarse... Estou certo que a cidade vai acabar por nos devolver estes três rostos numa próxima visita.

Sarajevo esperava-nos e rapidamente lhe fizemos a vontade! Saímos do pequeno hostel pouco passava do meio dia ainda comentando o velho letreiro colado na porta do wc partilhado: "Entre as 2 e 6 da manhã não haverá água nas torneiras". Percebemos mais tarde que, pelo menos durante a época quente, era um procedimento comum no centro da cidade.

Comum era também o cheiro a café, os gritos das crianças que brincavam nas varandas e nos átrios dos prédios sem serem vistas, as senhoras que elegantemente fumavam nas esplanadas e às portas dos edifícios, os elétricos coloridos que rasgavam as avenidas e o barulho da água que dançava sobre as pedras do leito do rio.

A baixa de Sarajevo, embora pequena, tinha vida, confusão e pontuava-se por prédios de cores claras, elegantemente adornados. Em contraste, construções colossais que o novo milênio inaugurou. Mas a arquitetura da cidade, na verdade, ganhou uma nova marca distintiva e bastante mais infeliz. É rara a fachada que não tem cicatrizes de guerra: marcas de bala, estuque removido pelos estilhaços, paredes rebentadas por rockets. Nos passeios, nas praças, nos mercados e até vielas, existem buracos pintados de vermelho vivo que, à primeira vista, lembram poças de sangue. Chamam-lhes “Rosas de Sarajevo”. Memórias eternizadas de todos os civis que, naqueles precisos locais, sucumbiram a 4 anos de snipers e bombardeamentos constantes, aleatórios e sem aviso. Eram 24 horas de perigo, ora em casa, ora na rua. Conta-se até que a “sniper alley”, a mais central das avenidas da cidade, era a mais mortal do mundo. A afluência de carros e pedestres, a proximidade aos locais mais importantes, a passagem de transportes públicos e a visão desafogada das montanhas ofereciam ao inimigo um alvo fácil. Até aos dias de hoje, o número de fatalidades desta estrada não é consensual.

Mas Sarajevo é também um melting-pot em ebulição às portas da Europa. Uma cidade feita por duas cidades. De um lado, vive-se a modernidade do ocidente, sente-se o futuro de um país que cresce e faz por isso. Do outro, o passado, a tradição. Existe ainda a ponte que espoletou a I Guerra Mundial e o bairro turco que permanece intacto. A divisão é tão clara que permite ter um pé no futuro e outro no passado. Na zona turca, os chamamentos para as orações da Mesquita Central contrastam com o Sevdah, cântico típico da Bósnia e Herzegovina, geralmente acompanhado por guitarras, tambores e acordeões que fundem ritmos do Império Otomano com melodias eslavas. Por todo o



lado, bancas vendem bonitos artigos manufaturados por artesãos locais. O café turco é servido em toda a parte nas tradicionais chávenas de metal e as crianças roubam cubos de açúcar das mesas bastante apreciadas pelos turistas. Há tapetes, incensos, lenços e souvenirs para todos. Ao nosso lado há barulho de quem festeja a vitória de um jogo e as gargalhadas dos amigos reunidos durante a pausa do trabalho. Este bairro é sempre vivo e alegre, no entanto, à data da nossa visita, o Presidente Erdogan estava na cidade e, por essa razão, os ânimos estão ainda mais exaltados.



ganham vida quando Nemo - um local que nos guiou numa free tour - nos mostra fotografias da sua mãe em frente a um elétrico incendiado. O metal retorcido e escuro contrasta com o rosa claro do casaco, enquanto os seus cabelos loiros e os brincos dourados se fundem com o céu branco e nublado daquele dia. Mesmo com os maridos e filhos a combater nas montanhas e com corpos caídos nas ruas, diariamente confrontavam o inimigo, que as espiava de arma em punho, com uma visão de dignidade e vitalidade. Nemo, sobrevivente da guerra, partilhou connosco que os seus primeiros anos de escola foram passados na garagem do seu prédio com uma professora improvisada que dava aulas a todos e mais alguns. Passou meses sem ver o pai e o irmão e sem saber se estavam vivos ou mortos. Ao mesmo tempo, dia sim, dia não, todo o prédio corria para o abrigo ao som de violentas explosões nos prédios vizinhos. A visita prosseguiu até entrarmos num jardim de árvores escuras e sem

Sarajevo está cheia de mensagens. Se de um lado da cidade as paredes ainda preservam frases como "pazi snajper!" (cuidado com os snipers), do outro, há icónicas fotografias de Tod Stoddart (1953 - 2021) coladas à pressa em muros e vedações. Fotojornalista britânico, documentou o cerco a Sarajevo de forma única. Na sua obra, conseguimos ver crianças a transformar perigosos destroços em castelos, a ação nem sempre apreciada dos capacetes azuis, as corridas dos civis para fingir a morte e a inabalável força das mulheres locais. Embora etnicamente diversa, a sociedade bósnia é vaidosa e durante os anos de guerra, isso não mudou. A água e a luz podiam ser bens não garantidos, no entanto, as senhoras não prescindiam do batom e do melhor vestido para sair de casa. Mesmo sabendo que podiam ter de correr ao ritmo dos disparos, não dispensavam o salto alto. Todas estas fotografias

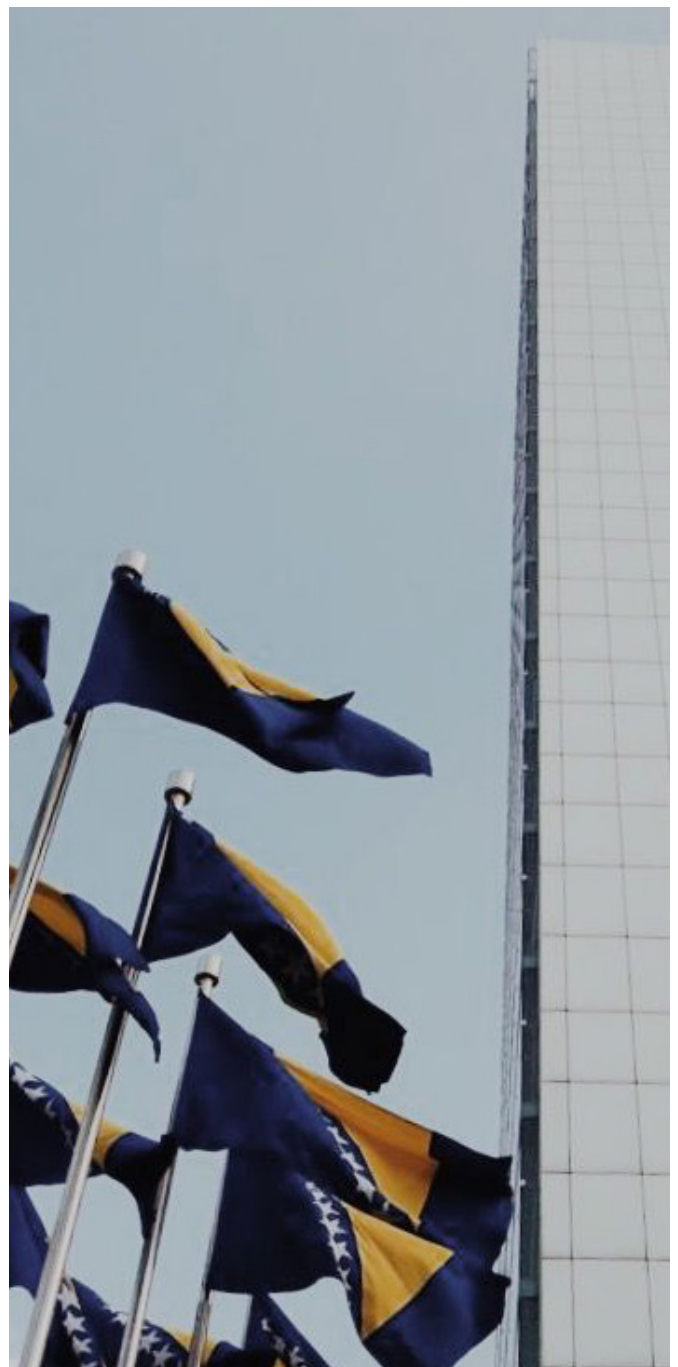


folhas. Ao longe, ouvíamos o buzinar dos carros e as letras imperceptíveis das canções que um grupo de rapazes ensaiava com uma coluna. Paramos junto a um monumento, no mínimo, inesperado... no topo de uma base de pedra clara, uma gigante lata azul de carne processada. As letras douradas antecipavam a memória de Nemo. Foi ali que recordou a escassez de alimento daqueles anos e a falta de dinheiro para comprar o pouco que se ia encontrando nos mercados. No entanto, sorrindo, ressalva a resiliência da mãe e da irmã mais velha que improvisavam deliciosas e racionadas refeições feitas com batata, legumes e a carne enlatada distribuída pelas Nações Unidas.

Despede-se lembrando que um pedaço de chocolate era mais valioso que um fio de ouro e que esse foi o melhor presente de Natal durante os anos de guerra. Para terminar, leva- nos à "Chama Eterna", um memorial às vítimas da II Guerra Mundial que também passou pela cidade. Na parede, junto às frases gravadas na pedra, uma coroa de flores já seca. No chão, um metal verde envolve a chama que balança ao sabor do vento. Segundo Nemo, aquela chama foi acesa poucos

dias depois da libertação da cidade e só se apagou durante os cortes de gás consequentes do cerco a Sarajevo. Questionei-me em silêncio se alguém terá notado. Numa altura em que não há tempo para chorar os mortos recentemente caídos, ficarão as lembranças de tempos passados congeladas no tempo? A visita termina com uma música que lembra a eleição da "Miss Besieged Sarajevo". Um evento que elegeu Imela Nogic como o rosto mais belo do país e que visava atrair as atenções do mundo para os massacres que aconteciam na época. Para a história ficam as fotos da recém eleita miss acompanhada por uma faixa onde se podia ler "Don't let them kill us" (não deixem que nos matem) e a tal canção dos extintos Passengers com participação de Luciano Pavarotti.

O primeiro dia estava a chegar ao fim e depois de tantas emoções precisávamos de repor energias. Em Belgrado foram-nos recomendados os pratos mais típicos dos bósnios: cevapi e as tartes. Assim foi. A entusiasta receção do dono do restaurante que escolhemos elevou imenso a fasquia e o prato não desiludiu. Mais uma vez, o ocidente e o oriente encontravam-se...





Agora, através da magia dos sabores. A carne lembrava um kebab, mas a mistura de especiarias confundia o nosso palato. Segundo o chef, este prato não se bebe com água! “Se vinho não cair bem, bebam uma Coca-Cola!” - apregoava ele sem parar! Para fechar a noite, o programa foi o bar-museu-antiquário Zlatna Ribica. Na verdade, é apenas um bar, mas confesso que num primeiro impacto qualquer uma das designações é válida. Dado que um banho era urgente e a água iria acabar por escassear nas torneiras, corremos para o hostel onde acabámos por ficar até o dia nascer novamente. Sem acordar ninguém, desci até à sala onde uma estreita varanda me convidava a espreitar. Lá ao fundo, entre telhados de tijolo e betão, viam-se as cores quentes do topo do edifício mais emblemático da cidade, o Holiday Inn. O amarelo e o castanho contrastavam com o céu da manhã ainda pouco desperta enquanto as suas

janelas refletiam as vertiginosas encostas da cidade. Arquitectado por um local, foi inaugurado em 1984 e recebeu as mais importantes figuras do comité olímpico internacional, da política Jugoslava - à época em franco declínio - e alguns dos jornalistas mais aclamados do mundo. Localizado no coração da cidade, podemos dizer que esta obra é uma testemunha da história moderna do país. Erguida nos tempos de glória, foi do topo deste edifício que Milosevic, presidente sérvio em 1992, coordenou os ensaios para o cerco e ordenou o abrir fogo sobre milhares manifestantes pacíficos que se encontravam nas portas do hotel durante os últimos dias de paz. Pela primeira vez, snipers faziam vítimas nas ruas iniciando assim a sangrenta guerra que, inevitavelmente, pontua este artigo. Após meses encerrado, com uma ala totalmente destruída pelos bombardeamentos, o hotel

"ACORDEI COM OS CÂNTICOS EMANADOS PELA MESQUITA, QUANDO A LUZ QUE ESCAPAVA PELA CORTINA ENTREABERTA ERA AINDA LARANJA."

reabre para albergar jornalistas, fotógrafos, tradutores e equipas técnicas que chegavam de todo o mundo para reportar a guerra dos Balcãs. Lá fora, uma cidade fechada ao Mundo; lá dentro, o Mundo reunido para garantir que a liberdade de expressão dava voz aos bósnios e os tentava salvar da morte quase certa. Graças a estas janelas, o mundo acordou para a realidade Bósnia e hoje temos um arquivo vasto que não deixa morrer este pedaço da história europeia. Mas nem só esta fortaleza com cor de sol narra a história de Sarajevo. Para lá do aeroporto, bem perto da fronteira com a Republica Srpska, existe uma pequena casa caiada e marcada pelas balas como tantas outras. O seu telhado de chapa avermelhada não permite que se adivinhe o que esta casa esconde.

Na época, os nossos dados móveis não colaboravam e como tal, estávamos dependentes dos locais e dos mapas de papel que ao final do dia já não sabíamos dobrar. Como nos disseram no hostel, atravessamos a ponte onde foram alvejados e repousavam durante dias os corpos dos apelidados Romeu e Julieta de Sarajevo e seguimos em frente. Sobre esta história, pouco foi contado. Sabemos apenas que as personagens foram um bósnio- sérvio e uma bósnia-muçulmana que, correndo atrás de um amor não aprovado e uma vida menos sangrenta, acabaram por cair numa armadilha e ali acabaram por repousar, juntos e para

sempre, na cidade de onde sonhavam fugir.

Esperamos pelo autocarro em silêncio ainda a pensar neste episódio. Escapando do sol quente numa enferrujada paragem sem horários ou nome, feita de estacas metálicas e chapa, fazíamos paragem a todos os que por ali passavam. Embarcamos no quarto e, segundo o o motorista a quem mostramos foto do destino, devíamos sair e pedir ajuda no único café do bairro que se avizinhava. Foi isso que fizemos... Pergunta aqui e ajuda ali, lá reunimos um batalhão de 10 senhores que voluntariamente largaram a sombra da esplanada para virem discutir entre si de forma a nos encaminharem até ao famoso túnel. Por momentos achei que estava feito , mas não... De facto, por entre gritos e gestos, lá nos levaram a uma pequena construção de betão, hoje fechada a cadeado que se escondia entre ervas e lixo. Era, de facto, um dos acessos ao túnel mas não o que procurávamos. Estávamos decididos a visitar o "túnel da esperança" e por isso caminhamos durante quase uma hora, paralelamente à pista do aeroporto até encontrarmos um polícia que nos deus indicações exatas. Por entre estradas esburacadas, pontes duvidosas e mato alto, demos com a humilde casinha. Na entrada, mais uma "Rosa de Sarajevo" e alguns turistas barulhento que, tal como nós, tiveram dificuldades em chegar. No seu interior, um novo mundo. Imagens



difíceis e não censuradas dos piores dias, relatos de sobreviventes, objetos reais do tempo de guerra e no final, um sinistro e claustrofóbico túnel com quilómetros de extensão. Durante anos, foi a única ligação da cidade com o exterior e a porta de entrada de medicamentos, comida, material médico, comunicações e combustíveis. Em meses, homens a pão, água e tabaco, romperam o solo rochoso de Sarajevo com pás e picaretas até atingirem zona de segurança, estabelecendo um canal por onde as Nações Unidas e os Países vizinhos conseguiam ajudar. Por aquele túnel chegaram até a passar vidas em suspenso e como tal, é um retrato imperdível e uma lição do sentido de comunidade e coragem. A visita ao túnel pode durar minutos ou até o dia todo se, por sorte, encontrarem por ali alguém que carrega nas mãos as marcas da sua escavação. Na Bósnia, o tempo de guerra não é tabu, mas também não é assunto de café. Orgulhosos do que são e do que ultrapassaram, o povo bósnio é grato e está conscientes de onde vem e para onde vai. Acima de tudo, não se absteem de relatar ao mundo o que tiveram de passar para atingir a desejada independência. Os donos das casas e lojas não se orgulham nem exibem as marcas da guerra, mas também não as escondem. Enquanto se virem, não se esquecem e enquanto não se esquecem, não se repetem.



Ficamos por ali até meio da tarde - e mais tempo ficaríamos - mas infelizmente, havia que voltar. Sem saber como ou por onde, mas estávamos certos de uma coisa: Sarajevo mudou o nossa definição de viagem. As melhores não são as que nos levam até às paisagens mais bonitas. Um bom destino é aquele cuja história é contada pelo que somos convidados a ver, ouvir e sentir. É o destino cuja realidade nos é entregue sem filtros e nos faz refletir, avançar... por isso sou tão grato a este país.

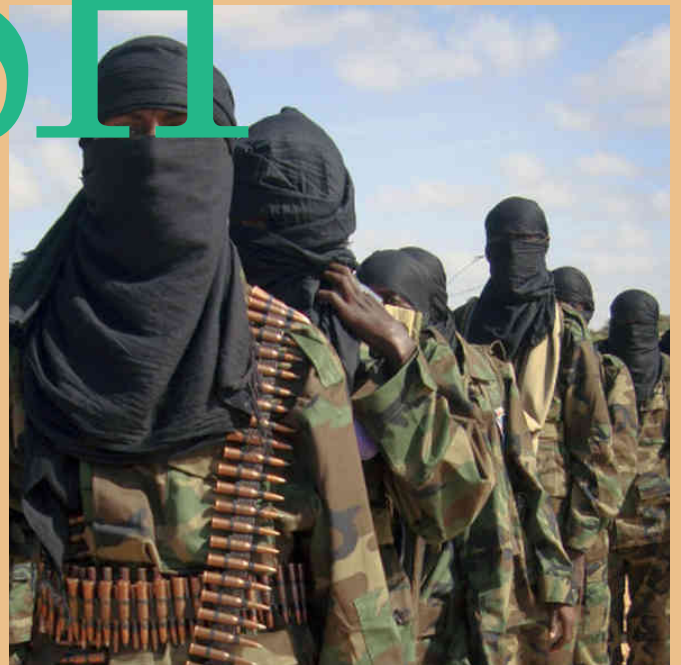
A Bósnia e Herzegovina é isto e muito mais. Franca, dura, por vezes cruel mas doce. Como no filme, uma terra de sangue e mel. Apesar das cicatrizes estarem bem presentes nas ruas de Sarajevo e as feridas abertas nas memórias dos bósnios, na fragmentada sociedade e no duvidoso sistema político do país, a Bósnia e Herzegovina é uma terra de gente boa, de música, de arte e felicidade. Um país de contrastes, berço de civilizações e conflitos que mudaram as fronteiras da Europa até aos dias de hoje. A casa de muitas etnias, religiões e ideologias que convivem diariamente numa aparente paz que - dizem os entendidos - pode estalar a qualquer momento. A história adivinha que vamos ouvir falar da esquecida e abandonada Bósnia num futuro próximo... espero que não por maus motivos.

Até já, Sarajevo!

Ricardo Leitão

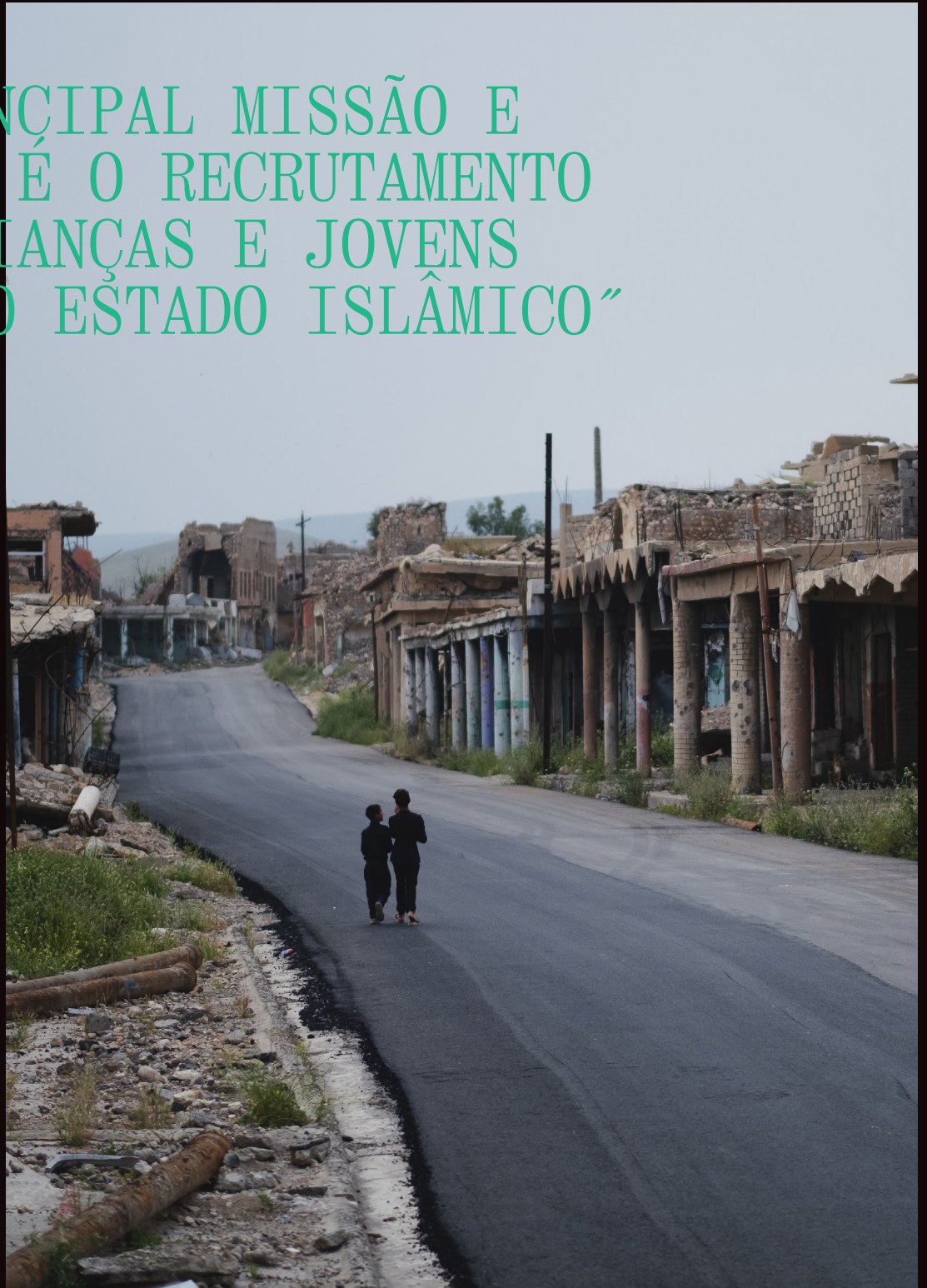
A RECONQUISTA AFRICANA PELO DAESH

Moçambique tem vindo a atravessar, desde 2017, uma guerra de que muito pouca gente tem conhecimento (ou quer vir a conhecer). Falamos da presença do Estado Islâmico, ou como alguns autores lhe chamam, Dito Estado Dito Islâmico (DEDI), que tem vindo a conquistar a olhos vistos a região moçambicana, bem como outros territórios africanos. A região que mais tem sofrido com a presença do DEDI é Cabo Delgado, uma cidade localizada a norte, que tem uma posição geográfica estratégica para a entrada das milícias e para a conquista do território africano.



POR JOANNA VEIGA

“A PRINCIPAL MISSÃO E
IDEIA É O RECRUTAMENTO
DE CRIANÇAS E JOVENS
PARA O ESTADO ISLÂMICO”





Nomeadamente falamos da presença do DAESH, para a propagação dos seus ideais, para servirem de escudos bélicos mas, acima de tudo, para que ajudem na grande conquista que eles têm planeado. O DAESH, uma célula pertencente Estado Islâmico (ou DEDI), é uma organização jihadista islamita, cuja criação se deu após a invasão do Iraque em 2003. As suas operações eram maioritariamente na zona do Médio Oriente porém, com o seu declínio nessa específica região do globo, este grupo jihadista tem como visão o seu alargamento para os territórios africanos, o que tem vindo a acontecer a olhos vistos. Desde finais de 2017, o Estado Islâmico na Província da África Central (EIPAC) tem vindo a perpetrar contínuos ataques terroristas na região norte de Moçambique, nomeadamente em Mocimboa da Praia, Cabo Delgado. Em setembro de 2020, o EIPAC declarou Mocimboa da Praia como a sua capital, o que acaba por

marcar um ponto de viragem na posição do DAESH em África, bem como no mundo.

Mocimboa da Praia é considerado um paraíso islâmico, visto que para estas milícias, a província de Cabo Delgado tem tudo aquilo que é necessário para que haja uma proliferação deste radicalismo, bem como acesso a um recrutamento fácil e célere entre os jovens e crianças, que são o grupo de pessoas mais visadas e procuradas. Ao contrário do que muitos pensam, Moçambique, apesar de ter sido uma ex-colónia portuguesa, tem uma presença muito antiga e marcada do Islão, tendo igualmente uma presença de crime organizado e de corrupção acima daquilo que podemos imaginar, sendo agravado pelos vários conflitos étnicos.



Obviamente que quando falamos de organizações terroristas, jihadistas, talibãs, pensamos imediatamente na violação dos direitos humanos por eles perpetradas, bem como em todos os demais ataques ao património e à humanidade. Em Moçambique existem relatos de violações de direitos humanos por parte de empresas, nomeadamente empresas internacionais, que decidiram fazer a exploração do gás natural que foi descoberto na região, aumentando a soberba destas grandes empresas internacionais, sem olhar aos meios nem aos fins para atingir ainda mais riqueza, descurando-se das condições de trabalho mínimas que devem ser asseguradas aos seus trabalhadores. Este descontentamento acaba por ser um motor de incentivo para o EIPAC se radicalizar ainda mais proliferadamente em Cabo Delgado, como consequência o pensamento, ainda que para nós errado e longe da realidade, que estes trabalhadores têm de que ao

aliar-se às milícias, poderão ver os seus direitos “devolvidos”, mas poderá ter simplesmente o efeito contrário, já que estes grupos tendem, maioritariamente, a apreender e atacar direitos humanos que são reconhecidos a cada cidadão, tal como o direito à escolha livre de religião ou o direito à vida. A aliar-se a este problema gravíssimo, está a desconfiança que as pessoas sentem nas Forças de Defesa e Segurança, na falta de ação por parte do Governo relativamente às violações de direitos humanos que membros das Forças de Defesa e Segurança cometem, tendo mantido-se silente.

Posto isto, é de concluir que os problemas que se atravessam em Moçambique, tendo começado por Cabo Delgado com um alastramento, a um passo galopante e assustador, para outras regiões africanas, dentro e fora de Moçambique, deviam merecer maior atenção, principalmente por nós, portugueses, dadas as estreitas relações entre as duas nações, bem como por parte das Nações Unidas, que pouco se pronuncia sobre o assunto. Ademais, há uma patente violação de direitos humanos, ataques terroristas, mortes e perseguições, havendo aqui a necessidade de haver mais tipo de controlo, mais presença militar, de modo a preservar os direitos que são inerentes a cada ser humano.

E QUE TAL UMA AVENTURA POR LISBOA?



À PROCURA DE SÍTIOS DIFERENTES PARA SAIR UM POUCO DA ROTINA? ESTÁS NO SÍTIO CERTO, VEM COMIGO NESTA JORNADA E VOU-TE MOSTRAR OS 5 SÍTIOS MAIS APELATIVOS E INTERESSANTES DE SE VISITAR!

HÁ MOMENTOS QUE QUERES EXPLORAR UM POUCO MAIS DA CIDADE ONDE VIVES OU DA CIDADE QUE VISITAS, MAS NA MAIOR DAS VEZES NÃO SABES POR ONDE COMEÇAR... COMO EU TE COMPREENDO. MAS POR SORTE ACABEI POR ME CRUZAR COM ESTES LUGARES MAGNÍFICOS NA MINHA JORNADA E QUE VOU PARTILHAR CONTIGO!

POR ANDREEA AFLOAREI

LX FACTORY

Um canto de Lisboa mais futurista, e curiosamente um dos mais antigos localizados na área de Alcântara, esta pequena fábrica é uma mistura de cultura, arte e gastronomia que te vai deixar simplesmente impressionado.

Para além das lojas e dos armazéns que encontrarás dentro dos edifícios, vais te admirar com a imensa programação cultural e a arte urbana que se espalha pelo espaço. Com sorte, deparaste com alguma exposição artística ou apresentação musical que possa estar a haver!

Aconselho-te também a visitares a Ler Devagar, uma das mais lindas livrarias de Lisboa, está dentro da fábrica onde antigamente era a situada a Gráfica Mirandela, não querendo dar spoilers, mas vais encontrar de tudo, as prateleiras vão estar cheias de livros até ao teto! Aproveita e toma um café na companhia das histórias que por lá se encontram.

Vai ser impossível este lugar não dar asas à tua imaginação, atreve-te a explorá-lo.



PLANETÁRIO DE MARINHA

E quem nunca teve curiosidade em saber mais sobre o universo? O planetário de Lisboa, localizado em Belém, oferece-te um convite a olhar para o céu de uma forma super pedagógica.

Num espaço pequeno e acolhedor vais ter uma sessão cheia de interatividade e realismo com imagens surreais, da qual te garanto que vai despertar a tua curiosidade.

Esta experiência acaba por ser não só muito interessante para os mais velhos, mas também para os mais novos, um sítio que vai roubar por completo a tua atenção com as suas sessões. Amantes de astrologia e astrofísica, este é o lugar perfeito para visitarem! O que melhor do que uma visita ao céu estrelado?



ESTUFA FRIA

E que tal um passeio rápido na Natureza? Apresento-te a estufa fria no centro de Lisboa, escondida numa antiga pedreira situada na encosta do Parque Eduardo VII.

Um jardim a quase céu fechado bem conservado e cheio de diversidade. Neste meio tropical vais conseguir descobrir e apreciar diversos ambientes pelos caminhos entrelaçados do mesmo, tens total liberdade para investigares todo o tipo de plantas e disfrutares do som das linhas de água e das cascatas que acabam pelos lindos lagos existentes, não te esqueças de saborear a atmosfera e respirares verdadeiramente, aconselho até a meditares se fores fã de meditação.

Desafio-te a visitares este sítio incrível. Aposto que após teres conhecido este pequeno paraíso vais sair de lá com mais vontade de adotares comportamentos que promovem a conservação da biodiversidade. Ah, e aproveita os Domingos que a entrada é de graça.

PALÁCIO DE MONSERRATE

O palácio de Monserrate tem muito para te contar, desde as histórias de amor perdidas pelo interior até ao parque robusto do exterior! Pensando nos amantes de arquitetura e espaços antigos, este é o sítio perfeito para se fazer uma visita e ficar completamente maravilhado. Podes disfrutar de um parque que oferece um cenário completamente deslumbrante e com uma coleção botânica que contém espécies de todo o mundo, acabando por dar um toque diferente à coisa. Já dentro do Palácio prepara-te para encontrares um misto de cores e padrões, algo diferente que o torna tão único e dono de si!

Este palácio foi completamente construído sobre as ruínas da mansão neogótica e é um perfeito exemplar encorajador do Romantismo, até já foi gravada uma minissérie aqui. Como criação incrível associada ao Romantismo eu até proponho levas o teu date ao Palácio de Monserrate. Pronto para uma tour no centro histórico de Sintra?



JARDIM DO TOREL

Por último, mas não menos importante, não podia não mencionar um dos melhores sítios para apanhar um sol deslumbrante, ter a melhor vista para a cidade e também para o rio Tejo! O magnífico jardim da freguesia de Santo António vai-te surpreender por completo com a nova renovação que foi feita neste espaço.

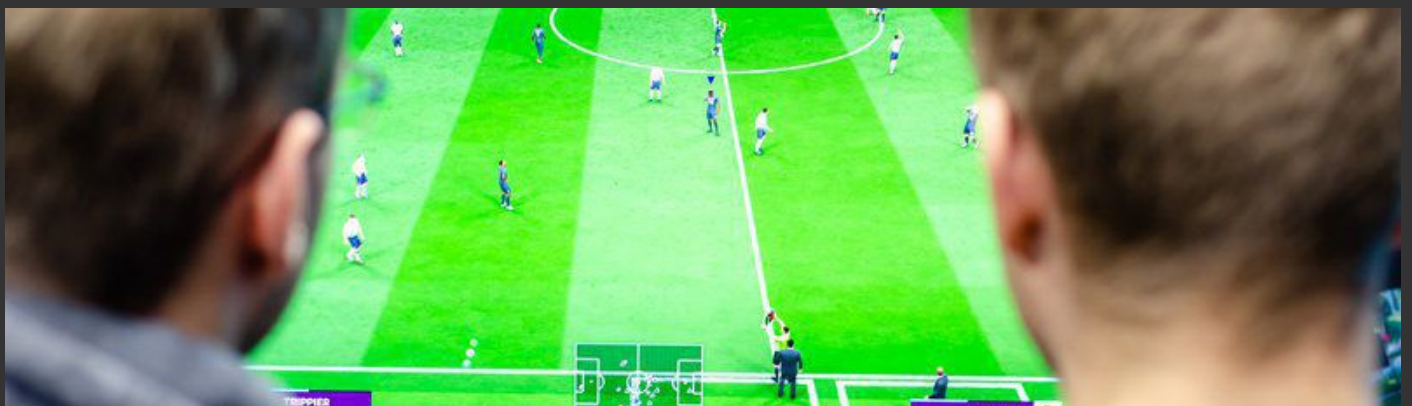
Este recanto super sossegado é ideal para fazeres um piquenique com os teus amigos e disfrutarem das plantas aromáticas que estão espalhadas pelo jardim, bem como podes simplesmente aproveitar o ginásio ao ar livre que existe perto do relvado. Se por lá passares, repara no pequeno detalhe das poesias decoradas nos bancos, cada uma mais bonita que outra, desde Fernando Pessoa a João Monge.

Em tempos a "piscina" que hoje se encontra lá era conhecida como praia urbana, ainda nos dias de hoje, no verão costumam colocar areia ao pé da mesma para que haja um pequeno throwback. Esta praia só está aberta no mês de Agosto e oferece a mesma experiência que uma praia normal, mas claramente mais única! Uma praia diferente mesmo no centro de Lisboa, como negar que é do melhor?!

A INFLUÊNCIA DO FUTEBOL
NOS VIDEOJOGOS

ELIFOOT

O CLÁSSICO PORTUGUÊS



COM O APARECIMENTO DAS NOVAS TECNOLOGIAS, SURGE UMA DAS FORMAS DE ENTRETENIMENTO PELA QUAL MUITOS SE TORNARAM FÃS, OS VIDEOJOGOS TÊM VINDO A EVOLUIR COM O PASSAR DOS ANOS JUNTAMENTE CONNOSCO E COM A NOSSA FORMA DE VERMOS O MUNDO, RELACIONAM-SE COM A NOSSA SOCIEDADE, CULTURA, ECONOMIA, E CONTINUAM A MARCAR TODA UMA GERAÇÃO.

POR VASCO OLIVEIRA

Com o aparecimento das novas tecnologias, surge uma das formas de entretenimento pela qual muitos se tornaram fãs, os videojogos têm vindo a evoluir com o passar dos anos juntamente connosco e com a nossa forma de vermos o mundo, relacionam-se com a nossa sociedade, cultura, economia, e continuam a marcar toda uma geração. Os videojogos são relativamente recentes se os compararmos com outras indústrias, mas não é por isso que deixam de ter uma história brilhante e cheia de criações fantásticas. Podemos considerar Elifoot (André Elias, 1987) como parte destas criações, esta que tem como elemento principal o desporto. Com o passar dos anos conseguimos perceber que a ligação entre o desporto e os videojogos já remete para uma longa data, mas o que torna este tema tão importante e popular até aos dias de hoje?

Neste momento existem inúmeros desportos que hoje estamos habituados a praticar, um dos mais populares em todo o mundo é certamente o futebol. Neste momento estima-se que o seu público esteja em volta 3 mil milhões de pessoas, mas qual a razão para ser tão popular?

A verdade é que o futebol é um desporto para todos, os adeptos e jogadores tanto podem ser de um estatuto social baixo como elevado, esta é uma das maiores diferenças do futebol para o resto dos desportos comuns na Europa como o ténis ou a

fórmula 1, que têm um público mais exclusivo. Além disto, futebol, nunca vai ser apenas um desporto comum, existem certas rivalidades que não ficam apenas no relvado, muitas delas têm a ver com questões culturais, religiosas e políticas. Na Escócia, por exemplo, os Celtic Football Club são conhecidos como o clube dos católicos, enquanto os Rangers Football Club estão associados aos protestantes. O Wydad Athletic Club, de Marrocos, é conhecido como o clube que apoia a monarquia marroquina, enquanto os seus rivais, Raja Club Athletic, geralmente opõem-se e criticam o governo nos seus cânticos. Por outro lado existem também grupos de adeptos que têm os seus ideais como os hooligans, estes são adeptos que optam por atos violentos e de vandalismo para apoiarem os seus clubes e demonstrarem o seu espírito nacionalista, apesar de não ser um simulador de desporto, o videojogo Hooligans: Storm Over Europe (Darxabre, 2002) aborda este tópico.

Mas qual a razão dos videojogos de futebol se tornarem tão populares até aos dias de hoje? Além do desporto em si não parar de crescer, um dos aspetos importantes acerca dos videojogos de desporto é que podemos experienciar um pouco da emoção do jogo real, isto faz com que tenhamos a sensação que fazemos parte da equipa. Muitos dos jovens que não conseguiam atingir o seu sonho de serem uma estrela no mundo do futebol finalmente tinham um sítio onde se podiam sentir na pele dos seus ídolos, sentir a sensação de ser o "protagonista" e brilhar como eles. Estes aspetos continuam a espelhar-se nos videojogos de simulação de desporto atuais pois respeitam este mesmo princípio, fazer o jogador sentir-se como parte da equipa.

ELIFOOT, O CLÁSSICO PORTUGUÊS

André Elias, nasceu em 1969 em Portugal, começou a programar desde os seus 12 anos, altura em que aprendeu a linguagem de programação BASIC (Beginner 's All-purpose Symbolic Instruction Code). Graças à grande acessibilidade que os microcomputadores tiveram na Europa nos anos 80, André começou a levar a programação como um hobby e um desafio. Durante a sua adolescência, com o conhecimento que já possuía, o mesmo tentava fazer alguns tipos de jogos e simulações de futebol. A escolha deste tema é bastante normal tendo em conta que experienciou toda uma "era de ouro" do futebol português, além da popularização do jogo em si, a seleção nacional chegou até às meias-finais no Campeonato Europeu de Futebol (Euro 86). Com o passar do tempo, propôs um desafio a si mesmo, este consistia em criar um videojogo para o próprio jogar e se divertir. Foi então com os seus 17 anos, que em 1987, acabou por criar a primeira versão de Elifoot para jogar no seu ZX Spectrum. Ao partilhar o seu jogo com os amigos teve um feedback bastante positivo, todos os que gostavam de futebol ficaram agarrados à sua criação. Mas isto era apenas o início, André não sabia o que lhe esperava e muito menos pensava que este seu desafio, uns anos mais tarde, se iria tornar numa das principais referências dos jogos de gestão desportiva, principalmente em Portugal e no Brasil.

Uma das grandes referências da época para este estilo de jogo era sem dúvida Football Manager (Addictive Games, 1982), Kevin Toms, criador deste videojogo e fundador da Addictive Games, foi um dos pioneiros neste novo modo de representar o



futebol. Os grandes destaques neste videojogo eram, além da gestão do plantel, a venda e compra de jogadores para o nosso clube, a moral dos jogadores sofrer alterações tendo em conta o progresso que o clube estava a ter durante a época, pagar contas do clube e até possuía pequenas animações para os destaques das partidas, como golos e contra-ataques. Este videojogo, assim como Elifoot, são inteiramente baseados na gestão de informações, ou seja, uma interface maioritariamente textual, enquanto outros títulos de simulação de futebol estão mais focados na parte da jogabilidade. Em comparação com este tipo de jogo, como era usado muito texto, um visual básico a preto e branco e mecânicas simplistas, acabou por cativar também muito público que não tinha tanta habilidade para controlar os jogadores dentro de campo. Basicamente era possível gerenciar todo um clube, sem nunca ter de jogar com a equipa. Apesar do videojogo de Kevin Toms ser considerado um dos primeiros deste estilo, Elifoot tem também um grande papel quando se fala sobre videojogos de gestão

ELIFOOT

© 1987 André Elias

desportiva, este chegou mesmo a ser reconhecido por muitos como “o pai dos managers”.

Este apelido mostra quanto o título português veio fazer diferença neste estilo de jogo, uma das funções que mais o destacaram na época foi os plantéis de equipas nacionais portuguesas e a sua capacidade para suportar múltiplos jogadores (locais), neste caso, até 8 treinadores o que era algo fantástico para jogar com amigos. Além disto, a rapidez com que as épocas se realizavam era algo que agradou muito o público, assim não se tornava algo aborrecido. Atualmente videojogos de gestão desportiva muito populares na plataforma mobile, como por exemplo Online Soccer Manager (Gamebasics BV, 2004), apresentam sistemas mais lentos, esse é um dos motivos pelo qual ainda existem muitas pessoas que optam por jogar Elifoot, já que apresenta um estilo mais simplista e rápido.

A verdade é que André Elias, apesar de ter criado um jogo brilhante para a época, nunca se apercebeu muito bem do sucesso que estava a fazer nos primeiros anos. Tendo em conta que o videojogo começou como um hobby de programação, nunca teve a ideia de transformar o seu projeto em algo para ser consumido por um público. Foi então que nos primeiros anos de faculdade, alguns dos seus colegas

o incentivaram a refazer o jogo, mas desta vez a cores, e para o PC. Acabou então por surgir em 1992, Elifoot 2. Este que teve uma grande recepção não só dos seus amigos, mas também dos alunos da universidade onde estudava, que faziam cópias do seu jogo em disquetes para poderem jogá-lo e passá-lo a outras pessoas. Desde o lançamento deste grande sucesso, Elifoot tem recebido atualizações. Em 2012 foram desenvolvidas versões mobile e desde então o jogo tem sido atualizado anualmente. Este é sem dúvida um dos clássicos videojogos portugueses que mais se destacou na nossa história e que certamente continua na memória de todos aqueles que o jogaram.